

DRUMMOND: O PASSADO NO PRESENTE

Vander Lúcia Silva Lessa*
Francis Paulina Lopes da Silva**
Universidade Federal de Viçosa

Introdução

A reflexão sobre o tempo – presente, passado que prefiguram o futuro – é constante na poesia de Carlos Drummond de Andrade.

Para dimensionar o presente, o poeta mergulha no passado, como se observa no poema “Infância”, e procura resgatá-lo para si, no intuito de melhor compreender a si, aos homens e o mundo. Esse processo memorialístico se registra nos últimos versos do poema, pela revelação da descoberta de valores esquecidos e resgatados pelo eu poético no presente: “Eu não sabia que a minha história/ era mais bonita que a de Robinson Crusoé”¹ (Andrade, 1987, p.67). As recordações da terra natal e da família tornam-se vigorosas e densas nos locais por onde o poeta circula com seus passeios pela *ilha da memória*.

Desse modo, o poeta itabirano fazendo uma escavação de si e do seu passado expressa em sua poesia uma vontade louca de recuperar um tempo perdido de resgatar suas raízes, como no poema “Prece de mineiro no Rio”, em que Drummond evoca e invoca o espírito de Minas: “Espírito de Minas me visita,/ [...] / Conserva em mim ao menos a metade/ do que fui e a vida esgarça (p. 56).

É constante na poesia de Carlos Drummond de Andrade o mergulho na subjetividade, num apelo incontrolável ao passado, que invadem de substância épica o tempo presente. Neste ensaio, pretende-se uma leitura dessa temática, mostrando a interação do passado com o presente

* Aluna do 7º período de Letras – Universidade Federal de Viçosa. Bolsista do CNPq.

** Professora adjunta do Departamento de Letras e Artes – UFV. Doutora em Ciência da Literatura pela UFRJ. Coordenadora do Projeto “Minas: Memória Poética”.

¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. 22 ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

especificamente nos poemas “Retrato de Família” e “Indicações”, da obra *A Rosa do Povo* (1945) em que o poeta, ao tratar de temas contemporâneos de sua época, resgata vivências anteriores, como a terra natal e a família.

Retrato de família

No poema intitulado “Retrato de família” (p. 143), durante a contemplação de um retrato de família “um tanto empoeirado” pelo tempo, Drummond atualiza as lembranças, tornando-as percepção, e aquilo que o poeta assim percebe é experimentado com a força do presente: fatos e impressões do tempo morto ressurgem como parte integrante do tempo vivo. Apesar de velho, o retrato observado pelo eu poético é o que faz rejuvenescer a sua memória.

Se por um lado, através do retrato, não dá para se ver quanto dinheiro o pai ganhou, as viagens dos tios, o tempo da monarquia, por outro lado, é possível estabelecer as mudanças dos meninos, simbolicamente representados por Pedro e João, e do jardim da casa nos últimos 20 anos:

Os meninos como estão mudados.
O rosto de Pedro é tranqüilo,
Usou os melhores sonhos.
E João não é mais mentiroso (p. 143).

O poeta, no momento da contemplação do retrato, não consegue ver no rosto do pai “quanto dinheiro ele ganhou” pois este, quando ainda jovem, não teria enriquecido. O poeta não consegue também perceber, “nas mãos dos tios as viagens que ambos fizeram”, pois ainda não as haviam feito. Nos versos “A avó ficou lisa, amarela/ Sem memórias da monarquia” percebe-se claramente a fusão dos dois tempos: o passado e o presente. A avó, no retrato que foi tirado antes

da monarquia, aparece “lisa”, ou seja, sem nenhuma marca da idade, jovem. Porém muito tempo se passou e por isso a foto ficou amarelada e consequentemente o rosto avó também.

Nos versos “Os meninos, como estão mudados./ O rosto de Pedro é tranqüilo,/ [...] E João não é mais mentiroso” os verbos “ser” e “estar” no presente indicando que os meninos mudaram e João deixou de ser mentiroso já que tudo aquilo que contava como verdade não passava de sonhos, mas hoje no tempo presente, no momento em que o poeta contempla o retrato, os sonhos realizaram-se e, portanto, as mentiras tornaram-se verdades e João deixou, então, de ser mentiroso.

Mas é no jardim que ocorreram mudanças “fantásticas” já que a paisagem da modernidade e do progresso o transformou. As flores foram substituídas pelas placas de cimento, e a areia, hoje, não passa de lembranças de pessoas que nela pisaram e que já se foram:

O jardim tornou-se fantástico.
As flores são placas cinzentas.
E a areia, sob pés extintos,
É um oceano de névoa (p. 143).

Percebe-se na descrição da fotografia a marca de uma integração entre aqueles tempos e o tempo atual. O poeta coloca-se no presente para reviver a vida de menino e de adolescente na sua Itabira de Mato Dentro, que se lhe afigura como lendária, por estar associada ao mito do paraíso perdido da infância.

Segundo Solange Ribeiro de Oliveira, a busca da identidade na origem envolve, na poesia de Drummond, um desfilar de personagens, lugares, eventos, rituais e objetos mitificados: “[...] objetos e personagens notificados testemunham incontáveis momentos de criação de mitos, fundadores da identidade pessoal e coletiva, que incorporam o passado ao presente”³.

³ OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. Os mitos de origem e ordem em Carlos Drummond de Andrade. In: *Utopias: sentidos Minas margens*. Belo Horizonte; Editora UFMF, 1993. p. 128-143.

Mas a foto, por mais veracidade que represente, será sempre uma ficção, pois se ela é plena, fixa e datada, o sujeito que a observa é antitético, móvel, múltiplo e pluritemporal. Portanto, diante dela, as pessoas, as coisas e o próprio eu poético transformam-se em personagens, passam a ter vida e movimento, reconstituindo todo um elo afetivo e familiar:

No semicírculo das cadeiras
Nota-se certo movimento.
As crianças trocam de lugar,
Mas sem barulho, é um retrato (p. 143).

O sujeito poético mergulha na duração presente do tempo passado. Ele fala do passado no presente como se a história acontecesse no momento da contemplação da fotografia. Drummond, nesse poema, com a intensidade do presente e até com a dor da perda, lembra fatos passados transpostos em lirismo, tais como a sala de visitas que se abre pouco e onde a presença de crianças era proibida. Por isso ele apenas “espreita pelas frinchas do assoalho”:

Esses estranhos assentados,
Meus parentes? Não acredito.
São visitas se divertindo
Numa sala que se abre pouco (p. 144).

Nos versos acima, percebe-se que o poeta se refere àqueles parentes que teriam surgido da nova geração: “se uma figura vai murchando,”/ outra, sorrindo, se propõe”. E são tantos que ele nem os conhece: “esses estranho assentados,/ Meus parentes?”. Nos versos: “São visitas se divertindo/ Numa sala que abre pouco” o poeta deixa transparecer também certos costumes da tradicional família patriarcal mineira, como a de Drummond. Nesse tempo, quando se recebiam visitas em casa era proibida a presença de crianças. Por isso, segundo Antonio Candido, uma experiência privada, como a do menino que procura visitas indiscretas pelas frinchas do assoalho, “é tão pitoresca e tão espetáculo, mas também tão exemplar, quanto a referência a objetos

exteriores ao eu”⁴, (p. 56). A experiência pessoal, então, se confunde com a observação do mundo e a autobiografia se torna heterobiográfica, história simultânea dos outros e da sociedade, sem sacrificar o cunho individual. A partir daí, o narrador poético dá, então, existência ao mundo de Minas.

Conforme Solange Ribeiro de Oliveira, no ensaio intitulado “Os mitos de origem e ordem em Carlos Drummond de Andrade”, o poeta arrepende-se de ter criado esses mitos da infância e com eles a própria encarnação da idéia de origem da ordem quando diz que: “A moldura deste retrato/ Em vão prende suas personagens” (Oliveira, 1993, p. 144). Ou seja, a moldura do retrato de família, símbolo do passado mitificado e do próprio conceito de ordem não se mostra, afinal, capaz de contê-lo. Nas palavras de Oliveira, nesses versos

[...] se nega o que em outros trechos se afirma, a Ordem na Origem, a ordem falocêntrica (sic), coesa, reificada, nos retratos, documentos, objetos, aposentos e propriedades da família patriarcal, rigidamente conservadora. O individual escapa ao coletivo. O indivíduo foge ao círculo social que tenta contê-lo (p. 136).

A fotografia também materializa a linguagem expressiva na corrente do sangue, da heterogeneidade. Ver fotografia é narrar o presente através dos acontecimentos passados, é juntar os fios da linhagem, “viajando através da carne”, da imagem. O poeta trata da distância do tempo e dos parentes desconhecidos que surgiram da nova geração da sua família que são tantos e, talvez, tão parecidos, que ele não consegue definir quem é quem:

Os parentes mortos –vivos
Já não distingue os que se foram
Dos que restaram.
Percebo apenas a estranha idéia da família
Viajando através da carne (Andrade, 1987, p. 144)

⁴ CANDIDO, Antonio. Poesia e ficção na autobiografia. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Scipione, 1989. p. 51-59.

O título da seção, “A família que me dei”, da qual esse poema faz parte, vem reiterar a idéia do eu, da tradição, do passado e até mesmo da genealogia (da família) que são elementos forjados pelo sujeito do presente. Segundo Rita Chaves, o poeta reproduz em seus versos uma impressão da família criada através das lembranças prefiguradas nas memórias do passado, ou seja, da infância:

A família que surge em seus poemas não é precisamente aquela que teve, mas aquela que o tempo, depois de passado, permite conquistar. Essa que agora aparece é a representação das marcas que habitam sua memória e ele pode transformar em matéria de sua poesia⁵ (Chaves, 1993, p. 46).

Sendo assim, a poesia drummondiana expressa tudo aquilo que o poeta viveu. Além do mais, Drummond revela, em entrevista feita por Maria Zilda Cury, que começara a escrever para superar seu bloqueio pela timidez. Drummond diz que sua poesia é confessional: “Eu escolhi a poesia, porque acho que é o veículo literário que permite mais diretamente a expressão da emoção e a auto confissão. Minha poesia é confessional”⁶ (Apud Cury p. 154).

Do mesmo modo, a famosa “Confidência do Itabirano”, por exemplo, um dos mais pessoais e autobiográficos dos poemas drummondianos, e sobretudo um triunfo da memória sobre as forças do esquecimento; Drummond versa sobre as lembranças do passado e até da dor da perda ao ver a fotografia de Itabira na parede”: “Itabira é apenas uma fotografia na parede./ Mas como dói! (p. 46).

Itabira é, assim, reconstituída e revisitada em sua memória, convive com ele nos grandes centros industriais, unindo de forma conflituosa o rural e o urbano, o passado e o presente. O sujeito se sente dilacerado por esses dois mundos pelos quais transita: o rural e o urbano, o

⁵ CHAVES, Rita. *Margens do texto – Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Scipione, 1993.

⁶ CURY, Maria Zilda Ferreira. *Horizontes modernistas: o jovem Drummond e seu grupo papel jornal*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

passado e o presente, que também são expressos no poema “Indicações”. Neste, a visão do passado enquanto dor também está presente na concepção do tempo e da história drummondiana, como vemos a seguir.

“Indicações” de um tempo part-ido

No poema “Indicações”, Drummond, mais uma vez, versa sobre a presentificação do passado durante a contemplação de um objeto. O contato das mãos sobre uma parte áspera da sua mesa faz surgirem lembranças de um tempo “part-ido”. Uma parte de sua antiga e velha mesa se tonara áspera, devido a ausência do verniz que o tempo se encarregara de remover. Portanto, a parte áspera da mesa metaforiza o tempo passado, vivido no interior de Minas, que o poeta quer manter resguardado do esquecimento. E no gesto, o regresso no tempo:

A mão passa
na aspereza. O verniz que se foi. Não. É a árvore
que regressa. A estrada voltando. Minas que espreita
e espera, longamente espera tua volta sem som (p.168-169).

A mesa torna-se, então, um volante que conduz o narrador através dos tempos, e a voz drummondiana se lança em busca de um tempo perdido.

O verniz representa o tempo moderno, e a madeira é a “floresta partida”, ou seja, um tempo passado, um tempo que se foi, ou pelo menos uma parte que se foi. E da gaveta dessa mesa saltam “papéis escuros” e caem sobre a “terra metálica” da cidade grande.

É comum na temática da poesia drummondiana a apreensão de um território rural mineiro, sempre contraposto ao meio urbano. Interessante notar também, nesse poema, características da

mineiridade, como o apego às origens e o caráter conservador do homem das Minas Gerais: “São fiéis, as coisas de teu escritório./ A caneta velha. Recusas-te a trocá-la (p. 169).

Segundo Maria Zilda Cury “Minas é fiel a um linha de mineiridade, o apego do mineiro à terra Natal é menos uma atitude xenófoba do que uma adesão sentimental. [...]. Minas parece conservadora e é: Minas é arcaica” (Cury, 1998, p. 123).

O poeta ainda confessa que é da terra natal, ou seja, da “floresta partida”, dessa *parte-dala-dele-ida* que lhe serviu de inspiração para escrever: “Cartas, artigos, poemas, saíram dela, de ti./ Da tua substância do calmo, da floresta/ partida elas vieram o verniz que se foi” (p. 169). E assim como entre o armário e a parede onde se depositam as traças e a poeira que de tempo em tempo, apesar de removidas, insistem em existir, assim também é a memória do poeta. Entre o passado e presente, as lembranças que apesar de muitas vezes removidas, esquecidas ou pelo menos adormecidas, sempre insistem em retomar, como a da família, que é, pois, uma arrumação de móveis:

Soma
De linhas, volumes, superfícies. E são portas,
Chaves, pratos, camas, embrulhos esquecidos,
Também um corredor, e o espaço
Entre o armário e a parede
Onde se deposita certa porção de silêncio, traças e poeira
Que de longe em longe se remove...e insiste (p. 169).

Mas ele também reconhece a incapacidade de explicar certas coisas tão difíceis de serem compreendidas, assim como a impossibilidade de lembrar tudo que vivenciou durante tantos anos. Sabe, entretanto, que muitas explicações e lembranças “devem estar em alguma parte” da sua memória e que, de forma consciente ou inconsciente, esse tempo pretérito lhe serviu de inspiração para compor suas poesias.

Restou, portanto, uma riqueza para o eu poético: seu próprio passado. Destaca-se, aqui, um elemento relevante da teoria da memória drummondiana: não há memória sem esquecimento, é preciso “esquecer para lembrar”, o que explica essa maneira ambígua de o poeta comportar-se em relação ao passado – quanto mais se esquece, mais se lembra:

Certamente faltam muitas explicações, seria difícil
Compreender [...]
Como seria impossível guardar todas as vozes
Ouidas do almoço, ao jantar, na pausa da noite,
Um ano, depois outro, e outros e outros
Todas as vozes ouvidas na casa durante quinze anos
Entretanto, devem estar em alguma parte: acumulam/ [...]
informaram velhos papéis, [...] (p. 169).;

Através dos versos acima citados, percebe-se que a memória para o poeta está longe de ser fiel e inteiriça em relação ao passado. Por isso, a poética drummondiana é uma prova de que o passado é uma construção ficcional do presente.

Ao contrário do que apresenta em “Retrato de família”, o sujeito poético, neste poema “Indicações”, não retrata a teoria da hereditariedade, sobre um corpo que gera outro corpo, pelo contrário:

a barba cresce, cai, os dentes caem,
os braços caem,
caem partículas de comida de um garfo hesitante,
as coisas caem, caem, caem.
Pessoas deitam-se, são transportadas, desaparecem, (p. 169-170).

Assim, enquanto em “Retrato de Família” o poeta tem consciência de que os antepassados, “viajando através da carne” permanecem vivos, já que um corpo é capaz de gerar outros corpos, no poema “Indicações” um corpo se acaba, pois, o tempo se encarrega e por um ponto final na vida das pessoas. Tempo este irreversível, devorador, silencioso de tudo, de cuja

tirania o poeta só pode se libertar através da meditação regressiva que presentifica o passado nos escaninhos da sua memória.